

# A LEITURA DE LITERATURA INFANTOJUVENIL EM SALA DE AULA: UM RELATO SOBRE FORMAÇÃO DE LEITORES EM UMA TURMA DE 7º ANO

## READING CHILDREN'S LITERATURE IN THE CLASSROOM: A REPORT ON THE FORMATION OF READERS IN A 7TH GRADE CLASS

## LECTURA DE LITERATURA INFANTIL EN EL AULA: UN INFORME SOBRE LA FORMACIÓN DE LECTORES EN UNA CLASE DE SÉPTIMO GRADO

Fabiane Lemos de Freitas Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende apresentar um relato sobre um projeto de leitura, desenvolvido com uma turma de 7º ano de escola pública municipal em Três Lagoas, MS, a partir da leitura de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Como parte integrante de um curso de especialização, a proposta surgiu diante da observação da realidade sobre a prática e o ensino da leitura de literatura em sala de aula da professora-pesquisadora. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, e, a partir de entrevistas, foram apurados dados relativos à experiência leitora dos alunos, o que possibilitou um quadro real sobre o desencontro entre o leitor e o texto literário. Os resultados alcançados foram satisfatórios, na medida em que oportunizou aos alunos a leitura da obra lobateana e, principalmente, condicionou uma mudança de postura da professora-pesquisadora sobre sua prática de ensino da leitura de literatura.

**Palavras-chave:** Leitura do texto literário; literatura infantojuvenil; literatura e ensino.

**Abstract:** This work intends to present a report on a reading project, developed with a 7th year class of a municipal public school in Três Lagoas, MS, based on the reading of *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato. As an integral part of a specialization course, the proposal emerged from the observation of the reality about the practice and teaching of reading literature in the teacher-researcher's classroom. The methodology used was of a qualitative nature, and, from interviews, data related to the reading experience of the students were obtained, which allowed a real picture of the mismatch between the reader and the literary text. The results achieved were satisfactory, insofar as it gave the students the opportunity to read the Lobatean work and, mainly, conditioned a change in the attitude of the teacher-researcher about her teaching practice of reading literature.

**Keywords:** Reading of the literary text; children's literature; literature and teaching.

**Resumen:** Este trabajo pretende presentar un informe sobre un proyecto de lectura, desarrollado con una clase de 7º año de una escuela pública municipal de Três Lagoas, MS, a partir de la lectura de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Como parte integral de un curso de especialización, la propuesta surgió de la observación de la realidad sobre la práctica y enseñanza de la lectura de literatura en el aula del docente-investigador. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo y, a partir de entrevistas, se obtuvieron datos relacionados con la experiencia lectora de los estudiantes, lo que permitió tener una imagen real del desajuste entre el lector y el texto literario. Los resultados alcanzados fueron satisfactorios, en la medida en que brindó a los estudiantes la oportunidad de leer la obra lobateana y, principalmente, condicionó un cambio de actitud de la docente-investigadora sobre su práctica docente de lectura literaria.

**Palabras clave:** Lectura del texto literario; literatura infantil; literatura y enseñanza.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

## Introdução

Este trabalho<sup>2</sup> tem por objetivo relatar uma pesquisa sobre formação de leitores, desenvolvido com alunos do 7º ano de escola pública municipal em Três Lagoas, MS, a partir da leitura da obra *Reinações de Narizinho*<sup>3</sup>, de Monteiro Lobato. Como parte integrante de um curso de especialização, a proposta surgiu diante da observação da realidade sobre a prática e o ensino da leitura de literatura em sala de aula da professora-pesquisadora.

A partir da realização do curso de pós-graduação, começamos a refletir sobre nossa prática sobre o ensino da leitura de literatura, o quanto este estava engessado em atividades obrigatórias, sem nenhum tipo de satisfação entre nossos alunos. Aliás, esse era um próprio reflexo do quanto precisávamos, verdadeiramente, rever nossa própria posição de leitor.

Assim, a partir da realização da disciplina “A literatura infantojuvenil na escola”, começamos a refletir sobre nossa concepção de ensino. Dessa forma, o contato com textos de autores teóricos como Renata Junqueira de Souza e Caroline Cassiana Silva dos Santos (2004), Edmir Perrotti (1986, 1999) e Ricardo Azevedo (2004) foi determinante para compreendermos nosso papel tão importante de formar leitores dentro de nossa sala de aula.

Durante o curso, foram apresentadas, também, diversas leituras literárias importantes, que consolidaram o aprendizado teórico adquirido durante os dois anos de estudo. Assim, pudemos ler *Formiguinha e a neve*, reconto de João de Barro<sup>4</sup>, *O olho de vidro de meu avô*, de Bartolomeu Campos de Queirós<sup>5</sup>, *A fada que tinha ideias* e *Soprinho*, ambos de Fernanda Lopes de Almeida<sup>6</sup>, *O Bordado encantado*, de Edmir Perrotti<sup>7</sup>, *Uma ideia toda azul*, de Marina Colassanti<sup>8</sup>, *Sapomorfose ou o príncipe que coaxava*, de Cora Rónai<sup>9</sup>, *Fada cisco quase nada*, de Sylvia Orthof<sup>10</sup>, *A volta ao mundo em 52 histórias*, de Philip Neil<sup>11</sup>, além de contos esparsos como *São os cabelos das mulheres*<sup>12</sup>, *A bolsa, a bolsinha e a bolsosa*<sup>13</sup>, *As três velhas*<sup>14</sup>, *A luva*<sup>15</sup>, entre muitas outras.

No entanto, a obra que mais chamou nossa atenção, por seu teor inovador, foi *A menina do narizinho arrebitado*<sup>16</sup>, de Monteiro Lobato. Após compreendermos a posição que ela ocupa no cenário da literatura infantojuvenil como a primeira manifestação de mudança no discurso pedagógico para crianças e adolescentes, decidimos continuar aprofundando mais nesse conhecimento e levá-lo para nossa sala de aula, sob a forma de um projeto de formação de leitores.

Assim, munidos de um sentimento de desejo de mudança em nossa prática em sala de aula, e, também, das reflexões sobre formação de leitores, mergulhamos em nossa primeira intervenção em nossa prática de ensino, outrora tão engessada e frustrante para alunos e professora. Para isso, a metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, e, a partir de entrevistas,

<sup>2</sup> O presente trabalho é uma versão resumida de nossa pesquisa sobre formação de leitores, a partir de um curso de especialização realizado na Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul (AEMS), em Três Lagoas, MS.

<sup>3</sup> Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

<sup>4</sup> *A formiguinha e a neve*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

<sup>5</sup> *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>6</sup> *A fada que tinha ideias*. 26. ed. São Paulo: Ática, 2003; *Soprinho*. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 1996

<sup>7</sup> *O bordado encantado*. São Paulo: Paulinas, 1996.

<sup>8</sup> *Uma ideia toda azul*. Rio Janeiro: Nórdica, 1979.

<sup>9</sup> *Sapomorfose ou o príncipe que coaxava*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

<sup>10</sup> *Fada cisco quase nada*. São Paulo: Ática, 1992.

<sup>11</sup> *Volta ao mundo em 52 histórias*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

<sup>12</sup> Presente na obra *23 Histórias de um viajante*, de Marina Colassanti. São Paulo: Global, 2006.

<sup>13</sup> A história de Rosana Pamplona foi retirada da revista *Nova Escola* Agosto de 2004.

<sup>14</sup> Presente na obra *Fábulas italianas*, de Ítalo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>15</sup> A história recontada por Tatiana Belinky foi retirada da revista *Nova Escola*, Edição 150, março de 2002.

<sup>16</sup> Monteiro Lobato. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1920.

foram apurados dados relativos à experiência leitora dos alunos, o que possibilitou um quadro real sobre o desencontro entre o leitor e o texto literário.

### **Por que *Reinações de Narizinho*?**

A obra *A menina do narizinho arrebitado* é considerada um divisor de águas na literatura infantojuvenil. Sua primeira edição, de 1921, foi reescrita em 1925 e recebeu o título de *Reinações de Narizinho*, conforme podemos notar na pesquisa feita por Visconde de Sabugosa em resposta à boneca Emília, diálogo presente na obra *Minhas memórias de Lobato*, de Luciana Sandroni (1997):

A maioria das pessoas não sabe, mas Lobato reescreveu muita coisa mais tarde, em 1925. E também mudou o título desse livro. No começo os livros do Sítio eram visivelmente dedicados às escolas, tanto que o subtítulo do: *A menina do narizinho arrebitado* era: Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias. A forma do texto era didática e havia comentários como: ‘Que pena! Tudo não passara de um lindo sonho!’. Tempos depois, quando Lobato já havia percebido a importância do mundo que estava criando, passou a misturar fantasia e realidade (SANDRONI, 1997, p. 63).

A obra de Lobato contribuiu para abalar a literatura utilitarista<sup>17</sup>, pautada no ensino de bons costumes às crianças. No entanto, apenas anos mais tarde, na década de 1970, surgiria um novo grupo de escritores que abalariam de vez essa produção pedagogizante (PERROTTI, 1986).

Outro ponto importante sobre a produção de Lobato foram as inovações no aspecto visual de suas obras, com gravuras e cores, o que para a época era algo totalmente inusitado para um público que lia obras portuguesas e/ou adaptadas.

Lobato, entendendo esse ser autônomo que é a criança, produziu histórias com um forte componente lúdico, priorizando a estética do texto ao trazer um discurso inovador para seu público.

### **Professores leem Lobato?**

A escola é peça fundamental no processo de formação de leitores. Nesse sentido, é importante que o professor entre em contato com diversas leituras de literatura infantojuvenil e que conheça obras que primam pelo estético.

Dessa forma, conhecer a obra lobateana foi muito importante para iniciarmos nosso trabalho de formação de leitores com nossos alunos, já que “para promover verdadeiramente o conhecimento junto aos seus grupos de estudantes [...] o professor tem de ensinar bem, e para ensinar bem ele deve aprender sempre a ler continuamente ao longo da vida” (SILVA, 2004, p. 26).

E diante dessa necessidade de mudança frente a nossa realidade em sala de aula, buscamos relatar a experiência sobre o percurso de nossa própria transformação e, em consequência, a de nossos alunos.

A importância da formação de leitores é um tema amplamente discutido pelos órgãos governamentais, sociedade e escola, porém ainda há muitos hiatos entre o livro e nossos alunos.

Para Silva (2004), é preciso, para quem irá ensinar, aprender.

---

<sup>17</sup> A literatura utilitária foi um termo muito usual entre os teóricos e artistas durante a década de 60 e 70, que lutavam por uma literatura para crianças emancipada das “amarras” da pedagogia vigente, que se preocupava em utilizar as obras para instruir e trazer “lições moralistas”. No entanto, não respeitando a estética das obras artísticas e muitas vezes, violando-as em sua essência.

Mesmo porque quem ensina precisa primeiro aprender para depois poder ensinar. Inclusive, atualmente, um dos mais graves problemas da educação brasileira é o fato de boa parcela de professores – de todos os níveis do ensino, da escola infantil à universidade – se meter a ensinar aquilo que não sabe; ou pior, deixar que os livros didáticos, os manuais, os vídeos, os programas ou *softwares* de computador ensinam em seu lugar, tornando-se, esses pseudoprofessores, meros repetidores de coisas prontas, meros tutores ou coadjuvante de um processo (o processo de ensino) do qual tinham de ser sujeitos (SILVA, 2004, p. 26).

Assim, ainda existem muitos obstáculos na formação de leitores na escola. Acreditamos que o professor está entre os primeiros fatores, pois a extensa carga horária, salas lotadas, má formação acadêmica, entre outros, contribuem para que ele seja esse “pseudoprofessor” (SILVA, 2004, p. 26). Além disso, podemos citar outros elementos que influenciam nessa empreitada da leitura, tais como bibliotecas, dentro e fora das escolas, programas de incentivo à leitura, maior investimento na compra de livros, capacitação de professores, entre outros.

Na outra ponta do problema, em vez de avançarmos, ainda nos deparamos com atitudes desnecessárias, tanto da escola quanto dos próprios professores, em culpar a família pela falta de estímulo com que o aluno chega à escola. Quanto a isso, Perrotti (1999) nos adverte que a falta de vínculos com a leitura no seio familiar não deveria gerar por parte da escola e professores uma improdutiva “culpabilização.” E ainda nos mostra a necessidade de adotarmos uma nova visão sobre a formação de leitores em sala de aula.

Assim, face à falta de intimidade da sociedade, em geral, com a escrita, não espanta que o espaço familiar não se constitua em território de introdução das crianças no mundo da cultura impressa. Em decorrência, a criança chega à escola sem essa experiência única da escrita em situação doméstica e que serviria para embasar e facilitar extraordinariamente sua formação de leitor (PERROTTI, 1999, p. 30).

A verdade é que essa realidade não será revertida enquanto não pararmos de procurar culpados e ir à busca do que ainda não foi feito, pois “o que faz a escola com essa falta, eis o outro nó do problema. Ao invés de atuar sobre a ausência, ela passa em geral a recriminar a família” e, assim, passa a “responsabilizá-la por ações que quase nunca tem condições de cumprir” (PERROTTI, 1999, p. 30).

Ainda segundo o autor, devemos ter uma nova posição em diante dessa realidade. Não haverá saída enquanto escola e professores ficarem culpando o abandono da família em relação à leitura face sua importância para o desenvolvimento social e psicológico de toda criança. Edmir Perrotti (1999) não apenas nos mostra o problema, como também traz uma possível saída para essa crescente realidade, ao mencionar que compreende que “seja necessário deixar de lado as estratégias de culpabilização e, antes, procurar meios capazes de incluir as famílias nos projetos pedagógicos, seja por meio de ações diretas ou indiretas” (PERROTTI, 1999, p. 35).

O fato é que grande parte desses alunos só encontrarão na escola sua única oportunidade para entrar em contato com a leitura de literatura. O que pode causar maior assombro é saber que muitos professores podem impedir que isso aconteça efetivamente, já que muitos desses profissionais ainda não são leitores.

Outro ponto importante é necessidade de pensarmos na definição do que é ser um leitor. Perrotti (1999) aponta a diferença entre o leitor e o ledor:

[...] ledores seriam sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações

e recriá-las. Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes, já que reconhecem a linguagem como possibilidade e precariedade, como presença e ausência ao mesmo tempo, ambigüidade irreduzível face aos objetos que nomeia (PERROTTI, 1999, p. 27).

Ao visualizar a definição apontada por Perrotti (1999) sobre leitor, passamos a refletir sobre o quanto estamos nos deparado com reduções drásticas do texto literário, transformados em questionários infundáveis a serem respondidos pelos alunos. Essa prática acaba fazendo com que o texto tenha um teor altamente instrutivo, já que na maioria das vezes o teor estético será reduzido para outras funções.

A utilização do texto estético voltada para outros fins que não seja o trabalho com a fantasia, a imaginação e o prazer da leitura, tornam a obra utilitária, nesse sentido, acaba sacrificando sua função, já que “ignora a profundidade da experiência do contato do indivíduo com os elementos da comunicação humana” (SOUZA; SANTOS, 2004, p. 80).

Esse tipo de visão requer para a leitura do texto literário sempre um aproveitamento escolar, seja na forma de relatar a história do livro, para necessariamente comprovar para a professora que a leitura foi feita, e/ou também, sob a forma de uma enorme lista de questionários sobre personagens, enredo, entre tantos outros.

Situações desse tipo ainda estão presentes nas escolas e, muitas vezes, o motivo revela a falta de formação do professor e até mesmo sua falta de leitura, fator muito preocupante, já que o professor deve ser um mediador entre seus alunos e os diversos textos (SOUZA; SANTOS, 2004).

Compreendemos que cabe ao professor a grande tarefa de ser a ponte entre o aluno e o texto literário. Mas para isso ocorra é necessário, primeiramente, que ele seja um leitor de literatura infantojuvenil, e, também, que “se veja como sujeito-leitor, um ente que se sinta desafiado diante dos ‘objetos de leitura’ e suas diferentes linguagens” (SOUZA; SANTOS, 2004, p. 81).

Acreditamos ter dado o primeiro passo para essa mudança com a realização do curso de especialização, pois oportunizou grandes aprendizados sobre o ensino e, atuou, principalmente, na formação de uma professora leitora. Para tanto, foi necessário, primeiramente, uma disposição para aprender, rever conceitos já esquecidos nos bancos da universidade e desejar sair de nossa zona de conforto trazida com os anos em sala de aula.

## **E agora, como ensinar leitura e literatura em sala de aula?**

Primeiramente, explicamos aos alunos do 7º ano a importância de Monteiro Lobato para o universo literário infantojuvenil, como eram as produções antes dele, entre outras informações necessárias. Para apresentar o autor e suas personagens, fizemos uso da obra de Luciana Sandroni, *Minhas memórias de Lobato*, que possui dois narradores, a boneca Emília e o Visconde de Sabugosa.

Para leitura em sala, utilizamos uma edição símile do primeiro exemplar de *A menina do nariz arrebitado* (1920), até para que os alunos internalizassem tudo que havia sido ensinado sobre a obra lobateana, enquanto inovadora na literatura infantojuvenil. No entanto, como possuíamos apenas um exemplar, o livro que levaram para casa era a edição de *Reinações de Narizinho*, de nossa biblioteca.

Assim, fizemos a leitura de um capítulo do livro por dia. Iniciamos, então, com “*Narizinho*”, deixando os outros “Uma vez...”, “No palácio”, “O bobinho”, “A costureira das fadas”, “A festa e o major” e “A pílula falante” para as aulas seguintes. Essa estratégia de leitura acabou estimulando curiosidade nos alunos e, após as leituras em sala, todos puderam levar o livro para casa, surgindo, também, um interesse pelas outras obras de Lobato.

Procuramos nos desvencilhar de todo tipo de leitura que retiraria a autonomia do aluno, tais como “leitura pressuposta”, “leitura instrumental” e “leitura seguida de trabalho de

aprofundamento de texto baseada numa concepção da aprendizagem como um sistema monológico (SOUZA; SANTOS, 2004). Acreditamos que, com isso, os alunos puderam explorar mais o texto, já que não havia nenhuma atividade imposta após a leitura da obra.

### Relato de uma experiência leitora

O trabalho realizado em sala de aula foi bastante gratificante, pois compreendemos a importância de nossa função como mediadores de literatura infantojuvenil e estávamos mais confiantes diante de tudo o que aprendemos no curso de especialização.

Desse modo, iniciamos nossa pesquisa com a entrega de questionários aos alunos participantes. Transcrevemos abaixo o modelo aplicado aos dezesseis pesquisados.

Questionário
a) Você gosta de ler? Por quê?
b) Há livros em sua casa?
c) Você costuma emprestar livros da biblioteca para ler em sua casa?
d) Qual é o tipo de leitura que você mais gosta?
e) Alguém em sua família tem o hábito de ler? Quem?
f) Alguém o incentiva a praticar a leitura?

**Quadro 1:** Questionários dos alunos – Fonte: Elaboração do próprio autor

Um dado desmotivador no desenrolar do trabalho, foi o fato de apenas seis alunos entregaram suas respostas. No entanto, acreditamos que as ideias expressas por essa pequena parcela são muito significativas, porque representam a realidade vivida em nossa sala de aula.

Quando pergunto se há livros em suas casas, todos afirmam que possuem, e em sua grande maioria, são gibis, revistas, contos de fadas, tabuadas, livros do Sesinho. Já em relação a empréstimos na biblioteca, alguns afirmaram que não têm o hábito de frequentar esse local, um aluno mencionou não saber onde fica, já outro, que não tinha interesse em ir até lá porque não gostava de ler.

Quanto ao tipo de leitura preferida, obtivemos respostas como gibis, livros divertidos e engraçados, parlendas, contos, poesias, livros de aventuras, Cinderela, Branca de Neve e os sete anões, O patinho feio, Shakespeare, histórias de monstros e vampiros. Sobre a existência de leitores em casa, as respostas são os pais e irmãos, sendo os primeiros os maiores incentivadores.

As respostas aos questionários apontam para a necessidade de uma real transformação do trabalho de leitura em sala de aula. Elas mostram como a escola deve repensar a função da biblioteca, como um espaço acolhedor, com funcionários capacitados, local apropriado e um bom acervo, aspectos importantes para o trabalho de formação leitora. Além disso, ao visualizarmos as leituras literárias que mais gostam – parlendas, contos de fadas, poesia e aventura – entendemos o quanto a escola ainda é o lugar privilegiado do contato com a leitura de literatura, já que os textos citados são trabalhados em sala de aula.

Outro ponto importante revelado pela pesquisa, é a existência de leitores reais nas famílias dos alunos, a maioria apontou os pais como os maiores incentivadores. Com isso, entendemos que eles têm sim contato com a leitura em casa, mesmo que sejam leituras não literárias. Dessa

forma, cabe ao professor a tarefa de ser um guia, um leitor real, com suas experiências de leituras, para atuar na formação do gosto literário de seus alunos.

### **Considerações finais**

Os conhecimentos adquiridos no curso de especialização foram muito importantes, pois marcaram o início de uma mudança em nossa postura frente ao ensino da leitura de literatura. Nele entramos em contato com teóricos importantes sobre formação leitora e o mais importante, lemos e compreendemos a importância de obras da literatura infantojuvenil.

Compreendemos que o trabalho com leitura de literatura em sala de aula não pode se resumir simplesmente na entrega da obra literária aos alunos, sem antes apresentá-la de forma que encante o leitor. É necessário criar entre o aluno e o texto literário uma “comunhão baseada no prazer” (AZEVEDO, 2004, p. 39).

Nesse sentido, sair da condição de “pseudoleitor” foi condição necessária para o trabalho sobre formação de leitores em nossa sala de aula. Houve uma grande mudança no andamento das aulas, antes tão tediosas e frustrantes.

Enfim, este trabalho buscou ser fiel aos primeiros ensinamentos obtidos no curso de pós-graduação, marcando o início de uma grande mudança em nossa concepção sobre o ensino da leitura de literatura. As situações apontadas em nossa pesquisa não são novas, pelo contrário, vieram como um eco que há muito tempo se ouve dentro das paredes da escola, principalmente nas aulas de língua portuguesa: é necessário mudar a forma do trabalho com a leitura.

### **Referências**

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. *In: SOUZA, R. J. (Org.). Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004, p. 38-47.

PERROTTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins: apontamentos sobre a formação do leitor. *In: PRADO, J.; CONDINI, P. (Org.). A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 31-40.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios do trabalho docente. *In: SOUZA, R. J. (Org.). Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 26-35.

SOUZA, Renata Junqueira de; SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos. A leitura da literatura infantil na escola. *In: SOUZA, R. J. (Org.). Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 80-89.

### **Sobre a autora**

**Fabiane Lemos de Freitas Garcia**. Professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino em Três Lagoas, MS. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL), Especialista em Língua Portuguesa pela Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul (AEMS), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul (PROFLETRAS/UFMS), Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL).

*E-mail:* [fabianelemos@hotmail.com](mailto:fabianelemos@hotmail.com).